

FORNET-BETANCOURT, Raúl (org). *Migration und Interkulturalität: Theologische und Philosophische Herausforderungen.* [Migração e Interculturalidade] Aachen, Missionwissenschaftliches Institut Missio e. V./Wissenschaftsverlag Mainz in Aachen, 2004, 305 p.

*Bento Itamar Borges**

O livro aqui resenhado é incomum e devemos, por isso, apresentar antes seu editor e a instituição a que está ligado. Raúl Fornet-Betancourt e o Missionswissenschaftliches Institut Missio e. V., de Aachen, na Alemanha, são, na verdade, bastante conhecidos do conselho editorial e dos leitores de nossa revista *Educação e Filosofia*. Em vez de tentar explicar o que significa um “Instituto de Missiologia”, esperamos que esta resenha possa oferecer uma amostra de sua agenda.

Desde 1989, tem havido alguma cooperação entre nós e aquele instituto alemão, que se dedica à “teologia contextual” e à “filosofia contextual”. No início, um grupo de professores ligados ao Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia – que é co-editor deste periódico – quis iniciar um debate sobre Filosofia Latino-americana, que os pudesse preparar, bem como outros grupos, para assumir uma postura mais crítica em relação à celebração do Quinto Centenário do Descobrimento (ou Ocupação) da América. Um ensaio de Fornet-Betancourt colocava sem rodeios a pergunta sobre uma filosofia latino-americana como tal, tomando-a a sério como resposta a uma situação histórica.

O interesse por uma filosofia local, inclusive a chamada Filosofia da Libertação (aparentada com a Teologia da Libertação) desde cedo chamou a atenção de alguns filósofos europeus e agentes sociais

* Professor Adjunto do Departamento de Filosofia - FAFCS/UFU.

interessados em criar um diálogo de mão dupla entre a América e a Europa e, talvez, entre os hemisférios Sul e Norte. Raúl Fornet-Betancourt e muitos outros filósofos, tais como Apel e Paul Ricoeur, deram sua contribuição a alguns encontros, como aquele realizado em 1991 na Unisinos, uma universidade católica da região da grande Porto Alegre. Naquela ocasião o autor desta resenha e Fornet-Betancourt se conheceram e intensificaram uma cooperação acadêmica registrada em várias edições deste periódico, de modo especial em um artigo e algumas resenhas.

De acordo com o “Prefácio”, *Migration und Interkulturalität* é um volume com o resultado inicial de uma novo projeto de pesquisa “imaginado especialmente em consideração ao contexto internacional do atual movimento de migração, e que deveria examinar esse novo desafio para a teoria e a prática da teologia e da filosofia contextuais, bem como as respostas dadas pela atividade da Igreja” (p. 5). Os artigos foram antes apresentados durante uma conferência conduzida pelo Instituto de Missiologia, entre 24 e 28 de novembro de 2003 e eles devem ser lidos como “trabalhos em andamento”, que podem tanto registrar como promover o debate aberto. Os artigos foram revisados após sua apresentação, a fim de fornecerem um fio condutor para planejamento da pesquisa e das próximas conferências a respeito. O volume inclui um “Relatório” sumarizado das discussões internas que aconteceram durante a conferência.

Pode-se supor que a “migração” era tão visível durante a conferência, quanto é notável a “interculturalidade” nas páginas do volume aqui analisado: os colaboradores vieram de vários países e comunicaram suas observações e opiniões em uma destas diferentes línguas: alemão, inglês, espanhol e francês. Algumas sessões estão traduzidas nessas quatro línguas. Contudo, não se trata de um panfleto “pós-moderno”. Não há nesse volume espaço para discursos fragmentários, nem para elogiar a Babel de valores e línguas; todos os colaboradores deveriam de saída pressupor a responsabilidade cristã por essa humanidade sistematicamente exilada — o *Leitmotiv* para todos os envolvidos no anunciado projeto de pesquisa-ação é o com-

promisso de intervir em sociedades em que imigrantes vivem sua vida oprimida nesse tempos difíceis de economia global – o escândalo e o pecado de nossa sociedade são a contradição entre a liberdade de circulação do capital e o violento controle do movimento de pessoas.

Migration und Interkulturalität é dividido em quatro capítulos. O primeiro é dedicado a “migração dentro da pluralidade da experiência cultural”. Gemma Tulud Cruz examina a complexa situação migratória em algumas regiões da Ásia, que tem uma “longa história de migração permanente, temporária e cíclica, devido ao comércio, trabalho, religião e intercâmbio cultural”. Pilar Cruz Zúñiga analisa a situação de imigrantes do Equador que tentam sobreviver na Espanha e como essas duas nacionalidades vêem uma a outra. Daisy L. Machado focaliza na séria situação das fronteiras entre México e EUA, especialmente por causa das ações violentas de ambos governos para controlar homens e mulheres em busca de trabalho e oportunidade. Hipólito Tshimanga apresentou um painel histórico sobre esse fenômeno social: “Indivíduos e grupos de pessoas sempre perambularam em busca de uma vida melhor”, mas os imigrantes sempre foram vistos como ameaça para os trabalhadores locais e seus valores culturais. A Igreja Católica teve, eventualmente, seu triste papel na crônica da imigração e da colonização, mas esse artigo considera também as mais recentes (e certamente melhores) atitudes cristãs diante da migração.

O segundo capítulo trata dos aspectos políticos da migração. Graziano Battistela abre seu artigo com um referência a uma instrumento internacional dos direitos humanos, agora disponível para orientar “direitos humanos e políticas de migração”, em que os direitos culturais deveriam ser também respeitados. Jeanne Devos deu a seu artigo o título “ Migração e ordem política”, mas ela pode apenas, infelizmente, falar em um tom negativo – desordem política, desenvolvimento desumano, sistema injusto, “mulheres e crianças, as pessoas mais vulneráveis”, etc. –, antes de apresentar um esquema de campanha e ação contra o tráfico de trabalhadores na Índia. Simon Pierre M. M’tenba pergunta porque “a ordem política não gosta de

migração” e apela a Foucault para entender porque e como o Estado controla e pune toda diferença em um mundo de “interdependência forçada”. O texto de Eduardo J. Vior, que trata também de direitos humanos, começa afirmando que “Direitos Humanos são universais, mas só podem ser garantidos sob as condições específicas de cada cultura”, mas as coisas são muito difíceis e o progresso é muito pequeno no lento reino do direito positivo.

O terceiro capítulo destina-se a teorizar e, até por isso, tem um longo título: “Migração e ser humano, com particular consideração sobre as conseqüências para a formação e a transformação das identidades culturais e religiosas”. Um dos artigos desse capítulo, escrito por Agnes M. Brazal, relaciona migração e transformação de identidades étnicas e religiosas e analisa as implicações antropológicas do caso de Mindanao, nas Filipinas. Gioacchino Campese tenta trazer as lembranças do “Immigrant Workers Freedom Ride” [Jornada da Liberdade dos Trabalhadores Imigrantes], que aconteceu nos EUA entre 27 de setembro e 4 de outubro. O relato é contado sob o ponto de vista de uma mulher imigrante da América Latina. O autor considera que, infelizmente, os preconceitos contra os imigrantes permanecem também porque “as memórias e narrativas dessas lutas são frequentemente esquecidas ou são completamente ignoradas”. Jorge Castillo Guerra traz perspectivas e propostas para uma “Teologia da Migração”, que devia ser estruturada sob o ponto de vista dos imigrantes, especialmente aqueles vitimados pela opressão e pela discriminação. Orlando O. Espín enfatiza em seu artigo a teologia e o diálogo inter-religioso como conseqüência de movimentos de migração em uma economia globalizada. Por seu lado, Mathias Sié Kam indica orientações pastorais para comunidades de migrantes. Joop Vernooij também fala de inter-religiosidade ao analisar a situação de imigrantes do Suriname nos Países Baixos.

O quarto e último capítulo conduz a uma reflexão global a respeito da “Migração como um ‘lugar’ da nova humanidade. O desafio de uma cultura de coexistência sob as condições de uma humanidade migrante”. Aldo Rubén Ameigeiras reconhece a dificuldade funda-

mental de viver junto: a migração coloca desafios para áreas urbanas, especialmente para áreas de vizinhança em que as desigualdades são mais drásticas. O organizador da coletânea também deu sua contribuição escrita para o projeto levando o tema da migração a sua contextualização extrema e fundamental, a saber, nossa "condição humana", que encontra-se hoje modificada pela globalização neoliberal. Por fim, Yolanda Onghena atravessa uma discussão mais conceitual, sobre a identidade e formação de identidade.

Uma resenha geralmente critica a obra a que se refere, mas neste caso essa tarefa é muito mais difícil, porque o texto é um esforço coletivo e é, de fato, um projeto de pesquisa e intervenção social. Portanto, poderíamos sugerir apenas, por exemplo, a inclusão de novos grupos de imigrantes nos próximos passos desse debate aberto. O Brasil, por exemplo, tem mais de dois milhões de seus homens e mulheres vivendo como estrangeiros em muitos países, submetidos também a situações humilhantes e a perseguições. Muitos estão detidos em prisões nos EUA e muitas outras pessoas estão nos negócios da prostituição. O Brasil tem alguns problemas internos com trabalhadores que vão de uma a outra região de um país muito vasto, em que trabalhadores sem qualificação são explorados em condições similares à dos escravos. Nesse caso, uma próxima edição dessa obra deveria incluir a língua portuguesa, o que ajudaria a compreender e a proteger até mesmo trabalhadores europeus, pois muitos trabalhadores de Portugal são explorados em países mais desenvolvidos do mesmo continente. Em ambos os casos, temos duas nações profundamente cristãs, com uma longa tradição de miscigenação e multiculturalismo.

O endereço eletrônico de cada colaborador está disponível ao final do volume resenhado. Se o leitor quiser mais informação ou mesmo solicitar o livro, pode entrar em contato com raul.fornet@mwi-aachen.org ou visite www.mwi-aachen.de

Data de Registro 11/08/05

Data de Aceite 17/08/05